



CARTA AO LEITOR OU GUIA DO LEITOR? Uma análise discursiva no editorial da revista *Veja*

LETTER TO THE READER OR READER GUIDE? A discursive analysis in *Veja* magazine editorial

André Luís A. SILVA¹
Ariane Carla PEREIRA²

RESUMO:

O presente artigo tem por objetivo tecer discussões sobre a prática jornalística da revista *Veja*. Para isso, toma-se como objeto de pesquisa as edições publicadas entre janeiro de 2011 e dezembro de 2016 do editorial do periódico, denominado *Carta ao Leitor*. O principal objetivo deste trabalho é analisar de que maneira os discursos da revista *Veja* disseminam objetivações que visam subjetivar seus leitores. As investigações partem do princípio de que o editorial é um dispositivo biopolítico que busca gerenciar a vida de seu público leitor, o qual, convoca-os a participarem dos debates políticos e a posicionar-se em eventuais adversidades. As convocações buscam subjetivações, modulações e comportamentos conformes, no intuito de conduzir a conduta de seus leitores.

PALAVRAS-CHAVE:

Revista *Veja*, análise do discurso, biopolítica, comportamentos conformes.

ABSTRACT:

This article aims to discuss the journalistic practice of *Veja* magazine. For this purpose, we take as research object the editions published between January 2011 and December 2016 of the journal editorial, called *Letter to the Reader*. The main objective of this paper is to ana-

¹ Graduado em História/Licenciatura (2016) e Mestre (2019) em História e Regiões pela Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO/PR. Desde 2019 é membro do grupo de pesquisa *Conversas Latinas em Comunicação (CLC)*, atuando no fomento às investigações em Ciências da Comunicação.

² Graduada em Comunicação Social pela Universidade Estadual de Londrina, Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Maringá e Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é professora titular da Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO/PR, no Departamento de Comunicação Social (DECS) e no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH). Atua também como docente convidada do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Doutorado) da Universidade Nacional de Jujuy (UNJu), em Jujuy, Argentina.

lyze how the speeches of *Veja* magazine disseminate objectifications that subjectify their readers. The investigations assume that the editorial is a biopolitical device that seeks to manage the life of its reading public, which calls them to participate in political debates and to position themselves in eventual adversities. The summons seeks subjectivations, modulations and conforming behaviors, in order to drive the conduct of their readers.

KEYWORDS:

Veja magazine, discourse analysis, biopolitics, conforming behaviors.

1. Introdução

O interesse pela história e pelos periódicos tiveram como consequência a edificação deste artigo, que visa tecer uma análise discursiva no editorial *Carta ao Leitor* publicado entre janeiro de 2011 e dezembro de 2016, pela revista *Veja*, problematizando os enunciados jornalísticos do periódico, por meio de uma perspectiva desenvolvida sobre os eixos do saber e, do poder, produzindo subjetividades. Instrumentos que nos permitem investigar como se desenvolvem as "relações entre sujeito e verdade" (FOUCAULT, 2004, p. 274), como o indivíduo entra em um certo jogo de práticas que o constitui.

Dos vários espaços de *Veja*, este diagnóstico será feito especificamente em *Carta ao Leitor*, justamente por se tratar do editorial de *Veja*. Escrito semanalmente pelos redatores-chefes, este espaço é identificado como uma seção informativa e opinativa. As cartas possuem uma narrativa sobre o fato e uma opinião. O fato informa sobre o que aconteceu e a opinião apresenta-se como a interpretação do acontecimento. *Carta ao Leitor* é publicada desde a primeira edição da revista em setembro de 1968, situado nas primeiras páginas de cada exemplar, as cartas buscam apresentar a reportagem principal da edição, levantar críticas e, também, falar sobre si mesma e suas práticas. Deste modo, as análises deste trabalho focalizam nas cartas que evidenciam conduções discursivas, ou seja, como *Veja* busca conduzir a conduta de seus leitores, seu modo de pensar, agir e sentir. Com efeito, o periódico sustenta-se por sua autoria e por seu poder de fala, assim, *Veja* torna-se um guia, um manual com todas as indicações, fórmulas e receitas para resolver os problemas da economia e da política brasileira.

O recorte temporal mencionado é referente ao contexto político, já que na época o Brasil passou por momentos conturbados entre a posse presidencial de Dilma Rousseff, em 2011, e seu *impeachment* no ano de 2016. Como por exemplo, as manifestações populares de

junho/julho de 2013, as manifestações realizadas por apoiadores e contrários ao processo de *impeachment* e, pelo momento em que a operação Lava-Jato se tornava protagonista nas denúncias de corrupção ligadas à políticos e ministros do governo. Ainda assim, Rousseff foi reeleita em 2014, derrotando no segundo turno das eleições o então candidato do PSDB Aécio Neves. No ano seguinte, aconteceria a abertura do processo de *impeachment* na Câmara dos Deputados, o que culminaria no afastamento de Rousseff logo no primeiro semestre de 2016.

Desse modo, a partir das fontes selecionadas e da baliza temporal estabelecida, o principal objetivo deste trabalho é investigar de que maneira os discursos de *Veja* buscam conduzir a conduta de seus leitores. Ou seja, como, através do discurso jornalístico presente em seu editorial, o periódico dissemina objetivações que buscam subjetivar seu público leitor. Nesta conjuntura, ressaltamos a importância em pensarmos *Veja* como um gerenciador de vidas, que tem como finalidade apresentar o mundo cada vez mais globalizado, convocar e orientar os leitores a participar e satisfazer-se em uma sociedade líquida que, segundo Bauman (2001), exige-nos renovações constantes, onde os indivíduos se movem dentro de um capitalismo flexível, implicando na construção/desconstrução de identidades.

2. Carta ao Leitor como um dispositivo biopolítico

Em dezembro de 1970, o filósofo francês Michel Foucault, ao assumir uma cátedra do *Collège de France*, pronunciou uma aula inaugural sobre o que ele chamou de *A Ordem do Discurso*, mais tarde, publicado como livro. É nesse momento que Foucault inicia a transição da fase arqueológica para a etapa genealógica de seus estudos, incorporando ao ser-saber o ser-poder. Entre os conceitos enunciados nesse momento estão os processos de controle e funcionamento a que os discursos estão submetidos, além das relações que as práticas discursivas têm com os poderes que as permeiam.

Independente do gênero (médico, político, jurídico, religioso, jornalístico, etc), para Foucault, todos os discursos são práticas descontínuas e emergem de um desejo por uma vontade de verdade que, por isso, está a todo momento em confronto com outras vontades de verdade. "O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar" (FOUCAULT, 2014, p. 10). Essa luta pelo discurso acontece pelo fato de nossa sociedade ser formada por diversas formações discursivas que a todo instante buscam se sobrepor uma sobre as outras. É assim com *Veja* a seu editorial *Carta ao Leitor*. Afinal, se "o poder exercido pelo

discurso jornalístico permite a construção de determinado(s) saber(es)" (PEREIRA, 2018, p. 22), esse enunciado "produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso" (FOUCAULT, 2017, p. 45).

Os discursos publicados por *Veja* ao circular, cotidianamente, entre seus leitores estão, também, permeados na sociedade como uma verdade, a verdade de quem está autorizado a dizer. Deste modo, as *Carta ao Leitor* acabam-se tornando uma espécie de guia social, um dispositivo biopolítico que, ao mapear e explicar a realidade, também direcionam olhares, conduzem comportamentos e subjetivam sujeitos. Portanto, a investigação feita nesta seção da revista, encarrega-se em examinar o trabalho impetuoso e eficiente de *Veja* na apuração e investigação dos fatos relacionados à política e economia brasileira. Para auxiliar na compreensão desta prática, a tabela a seguir foi elaborada de modo a permitir uma melhor visualização das temáticas abordadas em *Carta ao Leitor* das edições publicadas entre janeiro de 2011 e dezembro de 2016. Também, destaco através de um sombreamento na tabela, as temáticas que serão abordadas para a análise a seguir.

Tabela 01 - Temáticas de *Carta ao Leitor*, revista *Veja* (2011 - 2016) - **Fonte:** O autor.

TEMÁTICA DA CARTA	QUANTIDADE DE CARTAS
Temática central: Política brasileira Sub-temas: Democracia; Eleições; Corrupção; Congresso; Burocracia; Reforma política; Patrimonialismo; <i>Impeachment</i> ; Diplomacia.	80
Temática central: Revista <i>Veja</i> Sub-temas: Missão jornalística; Função social; Compromisso; Jornalismo investigativo; Conquistas; Trajetória; Liberdade de expressão, Revista <i>Veja</i> como manual; Guia político e econômico.	59
Temática Central: Economia brasileira Sub-temas: Protecionismo; Mercosul; Privatizações; Investimentos; Gastos públicos; Infraestrutura; Impostos; PIB; Inflação; Taxa de juros; Plano Real.	42
Temática Central: Sociedade brasileira Sub-temas: Cultura; Movimentos sociais; Desenvolvimento; Direitos Humanos; Manifestações; Consumo; Exclusão social.	39
Temática central: Poder Judiciário Sub-temas: Constituição; Investigações; PEC; Ministério Público.	35
Temática central: Política/Economia externa Sub-temas: Terrorismo; ONU; Manifestações; Eleições; União Europeia; PIB.	26
Temática central: Carreira pessoal/profissional Sub-temas: Empreendimentos; Homenagens póstumas; Biografia; Celebidades.	18
Temática central: Cultura Sub-temas: Programas de TV; Internet; Novelas; Música; Religião; Redes sociais.	9
Temática central: Esporte Sub-temas: CBF; Olimpíadas 2012 e 2016; Copa do Mundo 2014; UFC.	5
TOTAL:	313

Observando a tabela apresentada, das 313 cartas publicadas no período analisado, em 80 delas (25.5%) é possível encontrarmos manuais que organizam e descomplicam os fatos, *Veja* confere a seus leitores uma versão, aquela apresentada como a correta, digna de confiança. Essa organização e esse descomplicar, dirigem o olhar do leitor que passa a ler o mundo, ser e estar nele a partir da perspectiva orientada por *Veja*.

Segundo Foucault (2008), para obter-se controle sobre a população, foi necessário a intervenção de governos e o desenvolvimento de biopoderes que permitiram garantir a ordem e o bem-estar econômico. Assim, o autor acredita que na segunda metade do século XVIII, no Ocidente, teria nascido uma atividade política caracterizada por ações que buscariam o controle dos corpos, através deste controle é que se promove a vida. Foucault chamou esta ação de biopolítica.

O poder que deve se exercer sobre os indivíduos uma vez que eles constituem uma espécie de entidade biológica que deve ser levada em consideração, se quisermos utilizar essa população como máquina para produzir, para produzir riquezas, bens, produzir outros indivíduos. A descoberta da população é, ao mesmo tempo que a descoberta do indivíduo e do corpo adestrável, o outro grande núcleo de tecnologia em torno do qual os procedimentos políticos do ocidente se transformaram. (FOUCAULT, 2012, p. 179 - 180).

A biopolítica, assim como foi conceituada por Michel Foucault (2018), trata-se de um exercício do poder sobre a vida, sobre a população, para que esta se torne produtiva e dócil. Afinal, ser um cidadão após o século XVIII é estar subordinado a leis de algum governo central. Desta maneira, a biopolítica torna-se um saber sobre a população, também, pela solução racional de problemas que abrangem os grupos de indivíduos, como a saúde, higiene, segurança, urbanismo, entre outros. A biopolítica apresenta-se como um conjunto de biopoderes que tem por finalidade gerenciar a vida social dos sujeitos, pois, mesmo regimes democráticos, existirá quem governa e quem é governado. É deste modo que, as cartas publicadas por *Veja* têm por desígnio tornar os indivíduos/leitores seres governáveis, da maneira mais eficaz, rentável e dócil possível. Uma biopolítica das populações. Exemplo disso, está na carta a seguir, em que a revista ensina passo a passo como combater os males do nosso país, inclusive o mais terrível deles, a corrupção.

O primeiro passo é diminuir drasticamente o número de funcionários públicos indicados por políticos. (...) O segundo passo é recrutar, dentro dessa estrutura enxuta, gente com currículo impecável - tanto no que diz respeito à ética quanto à habilitação profissional. O terceiro passo é estabelecer critérios de meritocracia que premiem aqueles que cumprem as metas exigidas, tanto entre os comissionados como entre os concursados. É exterminando essa praga do loteamento que se reduzirá ao mínimo possível o flagelo da corrupção (*Veja*, edição 2231, 24/agosto/2011, p. 12).

Ao apresentar uma receita, *Veja* está buscando capacitar seus leitores, tornando-os aptos a assumirem seus lugares nas trincheiras nessa guerra liderada pela revista. Nessa direção, *Veja* insere-se como um dispositivo biopolítico, preocupado em capacitar e orientar os leitores, para tornarem-se melhores cidadãos, profissionais e fiscalizadores do poder público.

É urgente não apenas punir com severidade e exemplaridade os corruptos já flagrados, mas também podar as oportunidades que fazem o ladrão, diminuindo o número de cargos de preenchimento por negociação política. Os altos postos da administração permanente deveriam ser ocupados por cidadãos competentes selecionados por seu mérito técnico e um histórico de conduta ética impecável, formando um grupo de gestores de elite protegidos, por meio de mecanismos legais, das volatilidades políticas e até da alternância de poder. Só assim o Brasil estreitará as portas de entrada de corruptos e incompetentes na máquina administrativa do estado e melhorará enfim, a gestão da coisa pública (*Veja*, edição 2244, 23/novembro/2011, p. 14).

Separadas por três meses, as edições 2231 e 2244 abrem fogo contra um mesmo inimigo: o loteamento de cargos políticos. Prática que, segundo a revista, além de premiar a incompetência, também facilita a corrupção. Nesse percurso, a revista mais uma vez demonstra seu alinhamento com o neoliberalismo ao defender a meritocracia. Além disso, *Veja* também lança mão de exemplos tomados de países desenvolvidos, apresentando-os como um manual no campo da economia, novamente apontando os problemas e mostrando as soluções.

Um país com PIB em alta, mas com baixa produtividade terá, em pouco tempo, um encontro marcado com a inflação ou a estagnação. Por quê? Pela razão de que os outros fatores que influenciam no PIB, o crescimento demográfico e o aumento da oferta de emprego, se esgotam rapidamente. É o caso do Brasil hoje. Pela mesma razão, um país em que a renda aumenta, mas a produtividade se mantém estagnada está simplesmente consumindo mais riqueza do que produz e, conseqüentemente, comprometendo a qualidade de vida das próximas gerações. Aliás, esse é também o caso do Brasil hoje (*Veja*, edição 2342, 09/outubro/2013, p. 12).

O tom da revista é também de alerta, chamando a atenção para que é no futuro que a conta do presente será paga. Uma estratégia discursiva que explora o medo e desperta a insegurança. Fatores que levariam, na sequência, os leitores a autorizarem a revista a orientá-los sobre o que fazer e guiá-los nesse caminho.

A situação crítica em que nos encontramos nos encoraja a defender com ênfase a manutenção e o aprofundamento de valores básicos necessários ao crescimento econômico sustentável, frutos do conhecimento chancelado por experiências de sucesso nas sociedades abertas: liberdade de expressão, democracia representativa, livre-iniciativa, Estado de direito, transparência e ética. É nesses valores que acreditamos estar no mapa do caminho para a construção do país justo e próspero que desejamos (*Veja*, edição 2406, 31/dezembro/2014, p. 170).

A livre-iniciativa, outra diretriz do neoliberalismo, volta a ser defendida por *Veja* como caminho para alcançar o sucesso econômico. Para Jessé Souza (2019), os governos que administraram o Brasil entre 2003 e 2016 procuraram frear os avanços do neoliberalismo. Para o periódico, estes países estariam fadados ao fracasso, como ressalta a carta a seguir:

A reportagem parte da constatação unânime de que está falido o atual modelo brasileiro de governo, baseado no aumento indiscriminado da dívida pública, na intervenção estatal na economia e no afrontamento às leis de mercado. A reportagem de *Veja* traz exemplos práticos de como problemas públicos podem ter soluções eficientes e quase sem custo quando o governo adota instrumentos clássicos da iniciativa privada como a competição e a meritocracia (*Veja*, edição 2444, 23/setembro/2015, p. 12).

Criar problemas ou apontá-los para, depois, mostrar uma fórmula quase mágica para resolvê-los. Ou seja, uma das inúmeras estratégias de manipulação de massa utilizadas pelos veículos de comunicação com o intuito de fazer a população agir conforme os interesses de uma elite. Prática presente em *Carta ao Leitor* que, edição após edição, incita e conduz o público-leitor a pensar, sentir e agir. *Veja* ativa o que Foucault chamou de processos de objetivação e subjetivação.

Formas de relação consigo mesmo, as técnicas e os procedimentos mediante os quais se elabora essa relação, os exercícios pelos quais o sujeito se constitui como objeto de conhecimento, as práticas que permitem ao sujeito transformar seu próprio ser (CASTRO, 2016, p. 409).

Portanto, os discursos de *Veja* buscam objetivar seus leitores e quando os mesmos aderem a estes acabam sendo subjetivados. As objetivações visam subjetivar os leitores em cidadãos honestos, que combatem a corrupção e fiscalizam políticos, em sujeitos que simpaticizem com a política econômica neoliberal, defensores do estado mínimo e da meritocracia, naturalizados por *Veja*.

Importante ressaltar que "os modos de objetivação e subjetivação não são independentes uns aos outros" (CASTRO, 2016, p. 408), são simultâneos, trata-se de um processo em que um necessita do outro, caracterizando-se como mútuo, pois se desenvolve entre pessoas, ou grupos de pessoas. A subjetivação, que não está presente só em *Veja*, mas também em escolas, universidades, exércitos e demais instituições que produzem e nos impõe seus saberes dentro da nossa sociedade contemporânea, ambas fazem parte da constituição, da construção e transformação do sujeito, como Foucault (1998) salienta, os processos de subjetivação são as relações, os procedimentos e as técnicas pelas quais são elaborados, os exercícios pelos quais o próprio sujeito se constitui como objeto de conhecimento, tais práticas permitem ao sujeito transformar o próprio ser.

A produção de subjetividades é decorrente da aceitação da conduta sugerida. Desse modo, a própria revista classifica suas reportagens como "um bom guia de conduta pessoal e financeira para as pessoas" (*Veja*, edição 2302, 02/janeiro/2013, p. 12). Afinal, *Veja* assume uma posição de protagonista ao adiantar os problemas vindouros, como ao lembrar na edição de 08 de julho de 2015 um posicionamento sustentado dez anos antes.

Uma premonitória capa de *Veja* de 29 de junho de 2005 estampou o selo de República toscamente coberto com um adesivo da estrela vermelha do PT e a chamada: "O grande erro". O patrimonialismo do PT em relação ao Estado emergiu de maneira incontestável em muitos momentos dos últimos doze anos (*Veja*, edição 2433, 08/julho/2015, p. 06).

Na *Carta ao Leitor* referenciada, *Veja* utiliza-se da capa publicada pela edição de 06 de julho de 2005, no qual afirmava que o Partido dos Trabalhadores (PT), havia se apossado do Brasil, tornando-o um patrimônio seu (*Veja*, edição 1912, 06/julho/2005, capa). No entanto, essa referência emerge na *Carta ao Leitor* da edição de 08 de julho de 2015, justamente dentro de um ambiente de crise política, visto que o PT é o principal responsável, pois está no comando do executivo Federal. A carta intitulada: *Um erro continuado*, apresenta-se como a realização de uma profecia. *Veja* alertou, mas como os brasileiros não seguiram seu passo a passo, agora, o país enfrenta o caos político.

Em meio a obscuridade política no Brasil, as objetivações de *Veja* acabaram subjettivando uma grande parcela da população brasileira, leitora de suas páginas ou não. O fato é que *Veja* se apropria de vários acontecimentos políticos e sociais para reforçar seu papel na condução de conduta de seus leitores. Nas manifestações de rua de junho de 2013, *Veja* busca guiar seus leitores a reivindicar direitos, o fim da corrupção e, conseqüentemente, um país melhor para se viver.

Os brasileiros que estão indo às ruas não admitem mais ser usados como massa de manobra por partidos e políticos profissionais. Alguns exibiram cartazes com dizeres anarquistas, como o que proclamavam que "o povo unido não precisa de partido". Mas, nesse momento, o imperativo é ouvir as ruas e esperar que essa energia pura seja canalizada para a construção de instituições mais representativas dos anseios populares legítimos (*Veja*, edição 2327, 26/junho/2013, p. 13).

Também, nas manifestações a favor do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, em março de 2016:

Na histórica manifestação de domingo 13 de março, em que mais de 3 milhões de brasileiros foram às ruas de norte a sul do país, houve apenas duas unanimidades: a Lava-Jato, e o juiz Sergio Moro. As evidências de que o grosso da população brasileira confia no combate à corrupção promovido pela Lava-Jato aumentam as responsabilidades de seus operadores. O fundamental é não esquecer que os defensores do PJI³ nutrem a esperança de passar o Brasil a limpo (*Veja*, edição 2470, 23/março/2016, p. 08).

Em ambos os episódios, *Veja* leva seu leitor a ter esperança em um novo Brasil livre dos males da corrupção, das inúmeras desigualdades e do abandono político. O discurso de *Veja* foca na corrupção e, mostra-se como um alerta para um possível impedimento no go-

³ *Veja* utiliza a sigla (PLJ) no título de sua *Carta ao Leitor*, para referir-se ao Partido da Lava-Jato.

verno de Dilma Rousseff, ao mesmo tempo, apoia-se nos ideais da democracia e de liberdade, palavras-chave que demonstram, até mesmo, um tom de imparcialidade, pois, de certa forma, *Veja* legitima-se ao colocar-se em defesa destes interesses. São clichês que *Veja* repete em inúmeras publicações, e que inclusive foram referenciadas durante as análises nas cartas. A revista, também, insere a mobilização popular no processo em que ela é protagonista. Menezes (2016) destaca que as manifestações de junho/julho de 2013 e as manifestações do *Fora Collor* em 1992 possuem inúmeras similaridades, como a presença marcante dos meios de comunicação como formuladores de narrativas sobre as ocorrências do cotidiano, principalmente no que diz respeito a um acontecimento/possibilidade de um *impeachment* que já projetava-se nas páginas de *Veja* mesmo antes de efetivar-se como experiência na política brasileira.

As publicações de *Veja* em *Carta ao Leitor* são vontades de verdade que têm como suporte institucional o próprio periódico, que lhe concebe o direito de fala e, assim, consolidado a produzir saberes, e também tornando-se um sistema que excluiu todas as nossas outras vontades de saber.

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral da verdade, isto é, os tipos de discursos que ela aceita e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros ou falsos, a maneira como se sancionam uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm a função de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 2017, p. 52).

Provavelmente, o maior alerta que Michel Foucault (2016) pretendia realçar em suas pesquisas, seria de que o saber não é um mero conhecimento, e que também não é algo natural do ser humano, mas que os saberes foram construídos em um dado momento histórico, e eles devem ser entendidos dentro de suas relações de poder. O saber que *Veja* produz em suas publicações, está relacionado com sua prática discursiva, ambos se constroem em conjunto, e servem como uma arma de dominação para se chegar a verdade. Portanto, os objetivos de *Veja* concentram-se em buscar conduzir condutas, em formar a opinião de seus leitores, em interagir nas práticas sociais, nas ações e nos comportamentos de homens e mulheres. As conduções se expressam no que diz respeito ao combate à corrupção, à ameaça que o Partido dos Trabalhadores representa e a homologação de uma economia neoliberal para resolução dos problemas. Ambas as conduções alertam os leitores de que o *impeachment* de Dilma Rousseff pode ser uma alternativa para os problemas do país.

As cartas publicadas por *Veja* não têm somente a finalidade de trazer informações para seus leitores, mas guiá-los a seguir um possível caminho novo. Desta forma, o que *Veja*

realiza com seu público leitor são os processos de objetivação e subjetivação. Nos trechos recortados e nas referências que foram explanadas nesta investigação, *Veja* introduz esta prática camuflada entre seus noticiários. Como já exposto, as objetivações são ações que buscam conduzir condutas, induzir a um pensamento, no qual *Veja* possui interesse e, as subjetivações seriam os resultados, como os sujeitos, os leitores se reconhecem, lembrando que são as condições de possibilidade de um dado momento histórico, que criam tal prática. Assim, é importante lembrarmos que as conduções de condutas só foram possíveis graças a construção de um modelo jornalístico no qual *Veja* se mostra comprometida com seu leitor, ao investigar e apurar os fatos.

Por meio de suas cartas, *Veja* utiliza-se do saber para exercer poder, colocando-se como um guia na vida dos leitores para que estes possam compreender o sistema político/econômico vigente, estabelecendo receituários para que os brasileiros se comprometam em construir um país menos corrupto e mais competitivo. Também, esta seção do periódico encarrega-se de motivar e convocar seus leitores a participarem dos debates referentes ao Brasil, a interagir, a satisfazerem-se e conquistarem a compreensão do tempo presente. São sobre essas temáticas que as cartas de *Veja* investem, no intuito de criar mapas discursivos que localizem seus leitores. Essas práticas consolidam *Veja* como um jornalismo performativo, um dispositivo biopolítico, no qual, a todo instante busca-se gerenciar a vida de seus leitores através de transformações, reformulações, modulações e comportamentos conformes, fomentando caminhos que induzem aos modos de pensar, sentir e agir.

Até aqui, observa-se as práticas de manutenção desempenhadas por *Veja* no intuito de consolidar-se como um veículo de comunicação no Brasil, traçando seus objetivos, sua importância social, sua missão de informar e combater a ignorância, a luta pela legitimação e comprometimento com a verdade, além do enfrentamento na defesa da democracia e liberdade de expressão. *Veja* constrói/mantém sua credibilidade e seu regime de verdade frente ao passado, presente e futuro, apropriando-se dos fatos e transformando-os em acontecimentos políticos. As objetivações, vem através dos discursos que buscam descomplicar o mundo para seus leitores, em ser o guia que esclarece os fatos e promove receituários para seus leitores alcançarem o sucesso e a lucidez política e econômica. São práticas repetitivas e que permanecem em *Veja* desde seu nascimento e, mesmo com a modernização do jornalismo brasileiro, é uma atividade constante nas páginas de seu editorial.

3. Considerações finais

Nas discussões apresentadas neste artigo buscou-se trabalhar com a revista *Veja* numa compreensão dos impressos como integrantes de um jogo de forças, ou seja, como dispositivos que funcionam como uma via de mão dupla, se de um lado trafegam a subjetividade, o controle: e a condução da população, no outro sentido transitam as notícias, a fiscalização, as denúncias de abusos e crimes, assim, tornando-se uma voz essencial que repercute os anseios da sociedade. Neste panorama, é fundamental lembrarmos que os impressos caracterizam-se por serem, ao mesmo tempo, um espaço político e cultural, pois neles, e através deles, são expostos os debates e as discussões de uma nação, lugar de inúmeras práticas, onde se articulam elementos, objetos e ações dos sujeitos, dos quais organizam, inventam, definem e vivenciam experiências diversas.

Ao acompanharmos a trajetória discursiva de *Veja* pudemos perceber sua função social caracterizada por um trabalho contínuo e repetitivo. Portanto, o que buscamos nesta investigação, foi mapear e discutir as práticas utilizadas por *Veja*, ao longo dos anos que fizeram o periódico conquistar o direito privilegiado para disseminar objetivações que visaram subjetivar seus leitores em cidadãos honestos, que combatem a corrupção e fiscalizam políticos, em sujeitos que simpatizam com a política neoliberal para resolução dos problemas no Brasil. É a partir de seu editorial que *Veja* busca descomplicar o mundo e o Brasil para seus leitores, guiá-los, esclarecer os fatos e promover receituários, modos de ler a política e posicionar-se sobre ela.

Os trechos que foram recortados dos periódicos e as referências que trouxemos para a discussão no trabalho apontam para este caminho e mostram as tentativas de *Veja* em introduzir estas práticas no seu jornalismo semanal. Como exposto no corpo do texto, as objetivações são ações que buscam conduzir condutas, induzir a um pensamento, e as subjetivações seriam os resultados, como os sujeitos leitores se reconhecem e se constroem a partir do contato com a revista.

Tendo em vista estas breves considerações, ressalto que em nossa época, os veículos de comunicação tornaram-se inesgotáveis e potentes fontes de produção de subjetividades, mas vale lembrar, também, que existem pontos de fuga, resistências, pois o discurso da mídia não é uma imposição que sufoca e prende os leitores, contudo, apenas um dos fios de um emaranhado discursivo que fabrica os indivíduos e os possibilita outras maneiras de ser. Ainda assim, é convincente a potencialidade destes enunciadores que desejam exercer poder

sobre os leitores, apresentando opiniões, interpretações dos fatos, imaginários e valores que acreditam e defendem.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault** - Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978 - 1979). Trad. Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2018.

_____. **Microfísica do poder**. organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 6ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

_____. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

_____. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. As malhas do poder. In: _____. **Ditos & Escritos VIII** – Segurança, penalidade, prisão. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. P. 179 – 180.

_____. **Segurança, território, população**: curso dado no Collège de France (1977-1978). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: _____. **Ditos & Escritos V** - Ética, sexualidade e política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 264 - 287.

_____. Introdução. In: _____. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. 8ª ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1998. p. 08 - 31.

MENESES, Sônia. Fora Collor e marchas de junho: imprensa e construção de sentidos sobre as mobilizações populares de 1992 e 2013. In: LOHN, Reinaldo Lindolfo (Org.). **História nas bancas de revistas**: um país impresso: entre representações sociais e culturas políticas. Ponta Grossa: Editora Todapalavra, 2016. p. 213 - 238.

PEREIRA, Ariane Carla. **Ser mãe é...** A maternidade normalizada pelo discurso jornalístico. Curitiba: Appris, 2018.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**: da escravidão a Bolsonaro. Rio de Janeiro: GMT editores, 2.